ANO 2.º LISBOA--SABADO, 6 DE JANEIRO DE 192[illegible] N.º 5[illegible]8

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

COMO a Serra da Estrela se acha coberta de neve, os lobos, que por lá fazem o seu tratamento de altitude, baixaram aos povoados, devorando ovelhas com uma falta de escrupulos que bem demonstra que, neles, o sentimento da propriedade é nulo.

Este processo sumario e incorrecto de resolverem a sua crise das subsistencias, numa epoca em que os homens complicam de arimetica e moral tão vasto problema, leva-nos á convicção de que os lobos não conhecem direitos nem deveres.

Se os deixassemos á vontade, devoriam todas as conquistas da nossa civilização. Depois de bem fartos de cordeirinhos e filosofias transcendentes, era muito natural que se julgassem reis da criação, embora conservassem no focinho alguns laivos de sangue.

Esgotadas todas as provisões terrenas e humanas, voltar-se-hiam uns contra os outros para apurarem as responsabilidades da sua incuria comum. Se algum deles cultivasse a ironia, diria aos seus socios:

—«Parece-me que o que temos a fazer de melhor, é regressarmos de novo ás serras, até que uma outra humanidade crie a cidade do direito e da justiça.»

* * *

LIVROS de D. Ana de Castro Osorio, recentemente publicados—*Viagens Aventurosas de Felicio e Felizarda ao Polo Norte*, primeiro episodio, *O Livrinho Encantador*. Fazem parte da colecção «para as crianças», da Livraria Lusitana. E' desnecessario encarecer o seu valor, porque a sua autora cultiva com verdadeiro encanto este delicado ramo da literatura.

Da mesma livraria recebemos *As desgraças de uma familia persa*, lindo conto de Jane Bensaude, primorosa tradução de Agostinho de Campos. A edição, a côres, ricamente ilustrada, constitue uma pequena maravilha.

* * *

SEGUNDO a entrevista que um dos redactores do *Diario de Noticias* fez com o sr. dr. Brito Camacho, o general Smuts disse que Moçambique ainda um dia entrará numa maior União sul-africana. Ninguem o acusará de encobrir o seu jogo. Resta saber como é que nós lhe ocultaremos o nosso.

* * *

A FORTUNA do falecido lord Northcliffe, antigo proprietario do *Times*, do *Daily Mail*, do *Evening News* e do *Weekly Dispatch*, está avaliada em cinco milhões de libras. Esta enorme soma foi adquirida lentamente, pelo mesmo processo por que se enche um grande tanque.

Como se disporsará ela?

* * *

A PROPOSITO do depoimento do jornalista sr. Paulo Freire no tribunal de Santa Clara, recebemos do sr. Mimoso Ruiz (pai), uma carta que publicaremos segunda feira.

* * *

AFIRMAVA-SE hoje que o emprestimo interno, que o governo vai apresentar ao Parlamento, na proxima segunda feira, já se encontra coberto pela alta finança.

* * *

A DIRECÇÃO do Banco Nacional Ultramarino visitou hoje, no edificio da *Luta* o sr. dr. Brito Camacho.

FINANÇAS

Está proxima a reabertura do Parlamento cuja actividade, mercê de sucessivas crises ministeriais não tem sido tão fecunda quanto seria para desejar.

Deste funesto aproveitamento do tempo, deve resultar o prolongamento da sessão legislativa, até fins de agosto.

A' ultima hora, forçoso será fazer á pressa, tumultuariamente, o que exige estudo, ponderação, debates amplos e conscienciosos.

De tão mau regime de trabalho é que provêm as leis imperfeitas que outras leis imperfeitissimas logo veem substituir.

Consta-nos que o sr. ministro das Finanças se encontra na firme resolução de apresentar o orçamento, no praso constitucional, não se tendo poupado a esforços, para que as contas do Estado surjam em toda a sua dolorosa significação e eloquencia.

Conjuntamente ou poucos dias depois, tenciona levar á Camara as suas propostas financeiras, tendentes a melhorar a nossa situação, principalmente sob o ponto de vista cambial.

Para o ano economico que está decorrendo conseguiu o sr. Antonio Maria da Silva, graças á sua conhecida tenacidade, que o orçamento fôsse aprovado, embora duma maneira tumultuaria.

Esperamos que agora se proceda com mais serenidade e prudencia.

O país não quere que o enganem, visto que as mentiras o não salvam nem sequer o engordam. Exige a verdade nua e crua sôbre as nossas finanças.

Ao Parlamento incumbe o dever de lhe satisfazer um desejo tão legitimo.

E' claro que não dispensa uma severa politica de economias, adiada por todos os governos, posto que prometida por eles.

Aumentar os impostos, as taxas e as sobretaxas, sem que se reduzam as despesas em larga escala, o mesmo é que convencer o contribuinte de que com a sua lã, tosada até ao osso, se têm de vestir todas as miserias, mesmo as falsas e vergonhosas.

Confiamos que nenhuma das medidas do sr. Vitorino Guimarães vise a diminuir as garantias metalicas da nossa circulação fiduciaria, por mais dourada que seja a maneira de a pintar.

Assim como somos contrario a qualquer novo aumento de notas, tambem combateremos a redução do respectivo encaixe em prata ou oiro, visto que tanto uma como outra coisa se equivalem.

As nossas artistas

D. Helena Roque Gamelro

que ha dias abriu, no seu atelier, uma interessante exposição de aguarelas

NA entrevista que o sr. dr. Leonardo Coimbra concedeu ao *Primeiro de Janeiro*, lê-se que o sr. Almeida Ribeiro, numa reunião dos parlamentares do P. R. P., chamou ao sentimento religioso *uma enfermidade só existente nos velhos e nas crianças*.

Esta opinião, digna da maior publicidade, coloca o sr. dr. Almeida Ribeiro na zona indene de tal contagio. Reputa-se um espirito livre, uma razão forte, alheia a superstições.

Como a religião catolica é professada pela maioria dos portugueses que, apesar disso, não invejam o estado de perfeita saude do ilustre magistrado, ficamos sabendo que ele tem muitos motivos para se imaginar um homem fóra do vulgar.

Realmente, quando alguem pensa que o sentimento religioso não passa duma doença, é facil tomar-se a si proprio como *tabu*.

O sr. dr. Almeida Ribeiro ainda ha de acabar por acender uma véla no alto da cabeça, para que se não diga que ele não é *iluminado*.

* * *

ONTEM á noite dizia-se nos cafés da Baixa:

—«Anda coisa no ar...»

Esta forma figurada de anunciar o que, por emquanto é misterio dos subterraneos, provocou um tremendo ataque de tosse a um sugeito que se socorre sempre da sua bronquite para disfarçar as suas comoções.

—«Essa tosse parece-me fingida, meu amigo», aventou alguem que não deseja passar por tolo.

—«Engana-se, porque eu só tusso quando não tenho vontade disso».

—«Então tome conta em si, para se não dar o caso estranho de perder a sua bronquite, tão esperta e amestrada...»

* * *

ROCHA Martins editou já o seu panfleto *Fantoches* que se recomenda, além de outras qualidades, pela calida vibração de revolta e idealismo que percorre as suas paginas. Capitulos — «O Senhor Roberto volta á feira», «Os dois barretes vermelhos», «Confissões de uma côdea de pão», «Os fumos dos lucros da guerra» e «Aquela Mulher Perdida».

* * *

RECEBEMOS o *Anuario Financeiro*, publicação da Casa Pinto & Sotto Mayor, referente ao ano de 1921. Como se trata dum trabalho de alto valor, embora destinado a um publico restricto, não deixaremos de o recomendar a todos os que busquem amplos elementos de estudo para a compreensão da nossa vida economica e financeira.

* * *

CASO o sr. dr. Leonardo Coimbra efective os seus propositos de abandonar o P. R. P., é possivel que no Porto se constitua um grupo de intelectuais e politicos, com um orgão vespertino de feição moderna, a fim de exercer uma larga acção educativa, na capital do norte.

* * *

CORRE que o sr. ministro do Comercio, sobretudo magoado com o caso da venda do vapor *Lima*, tem mostrado desejos de abandonar a sua pasta.

* * *

ENCETOU a sua publicação, no formato do *Diario de Lisboa*, um semanario que se dedica á propaganda e defesa do Espiritualismo e que se intitula *O Espiritualista*.

Um perigo

Como o Estado proteje a criminalogia

O que vai ler-se pode ter o condão de desagradar a muita gente, mas como acima desse desagrado ponho a consciencia que mal ou bem aconselha que o escreva, vou tentar dar ideia do que me provocou as palavras a seguir.

O caso deu-se recentemente numa tarde semi doce desse Dezembro que foi final de ano tambem.

Estabelecimento da Baixa com porta meio apertada por onde se cruza uma clientela varia e escôa uma luz mortiça que a economia do proprietario provoca.

Em frente, pouco antes, um auto de praça parára e do mesmo, alegres como aves que um afame mais laço deixára escapar da gaiola, saltaram quatro rapazes cujas idades não devem ir além dos 17, um dos quais, capitaneando o grupo e ao qual este por seu turno reconhecia, com manifestas palavras de aplauso, a sua qualidade de chefe, se dirige ao balcão e paga a conta orçante por 70 escudos pouco as horas antes criada.

Chilreantes—a mocidade é descuidosa e confiante—os companheiros volteiam ao redor daquele que, paga a conta e sem pesar o que vai dizendo, expõe a largos traços a festa daquela tarde: um longo passeio de auto pelos suburbios de Lisboa, jantar incluido lá para os lados de Cascais, torneio de tiro aos pardais num descampado que ficára no trajecto, seguidamente a noite num dos teatros para o qual irão adquirir bilhetes depois de correrem ainda o Campo Grande no auto que os esperava.

Parece á primeira vista, embora represente algo de dispendiosa a tarde para uns rapazes de pouca idade, que o caso por o exposto, pouco valor tem. Mas não é assim.

O rapazote, cuja situação especial, mais se destacou, no auge da conversa, pucha por um revólver pequeno, dos que dão a impressão de segurança para quem os maneja, explicando a fórma como no tiro aos pardais o tinha utilisado, queixando-se que mau grado tantas balas perdidas nem uma conseguira honras de citação, porque nem um só dos passarinhos perdera a vida em semelhante torneio.

E foi aqui que meus olhos fixaram melhor o grupo e mais fundamente o espirito se deixou tomar por um raciocinio flagelador para o mesmo.

Pois quê? Nós estamos num pais que tão facilmente concede licenças de porte de arma, que crianças imberbes, sem consciencia clara do que praticam, se entretêm uma tarde a experimentar uma arma perigosa, sem receio das consequencias funestas que esse instrumento pode acarretar, sem medo que a lei os puna?

Pois então é possivel que num pais tão pequeno, onde a criminologia assenta arraiais e tanta prova está dando da boa qualidade do terreno, se consinta com semelhante facilidade que quatro crianças afoitamente se apresentem num estabelecimento publico munidos dum revólver e dele e da sua convicente força se estabeleçam colloquios que deixam aos espectadores a certeza absoluta que aquela facilidade é uma prova fotografica clara e iniludivel da falta de honestidade com que se concedem licenças para todo e qualquer cidadão andar armado?

Como é possivel, numa nação que um palmo sobre, quando este sobre o mapa desenvolvido se abaixa, que as facilidades para conseguir licença para trazer armas perigosas sejam tantas que já crianças usem e abusem, ostentando publicamente—pois nenhuma das que citei indagou primeiro se entre os escutantes a autoridade se encontrava—aquelas que nem aos adultos deviam ser consentidas?

Porquê, como?

Eu não compreendo!

Vai em mais de meio a caminhada que ando fazendo neste torrão em que as lagrimas escaldam e os dias ensobram com amarguras; tenho nessa longinqua e errante marcha crusado ombro com milhares de seres de varias côres e consciencias ainda mais varias. Pois ainda até hoje não reconheci a necessidade imprescindivel de andar armado e nos registos desta pequena nação, nunca o meu nome apareceu como portador de arma que a justiça, em dado momento, considera criminosa. Contornei os Alpes, os Pirineus, corri a Espanha, atravessei a França, quasi fui ao fim da Italia e tambem por pouco não toquei na fronteira alemã depois de atravessar a Suissa. Tudo isto fiz sentindo obedecer ao meu comando o volante macio dum automovel, o que implica confessar que tive de fazer as travessias a horas desencontradas, noite, dia claro, madrugadas de tons varios. Pois nunca reconheci que aquele instrumento me fôsse preciso, porque, para desfazer os encontros por tanto centenar de localidades atravessadas, me bastou sempre a serenidade de espirito e a claresa da frase.

Para que se precisa em Portugal consentir que toda a gente use arma proibida e esse consentimento vá até ao criminoso desleixo de armar crianças?

Porquê, como?

A segurança duma nação está na sua policia ou milicia devidamente organizada. A simples permissão ou tolerancia de armamento civil tem prejuizos que nunca se compensam pelos beneficios monetarios que o custo das licenças acarreta.

Eu sei que desse custo, dos seus emolumentos, das mil e uma gôtas que vão caindo no calix de prazer de quem de tal vive, mata a fome a muita gente, leva o pão a muito lar.

Mas que regime é este que para sustentar alguns dos seus filhos precisa tornar tolerado o uso e abuso duma arma homicida, arma que tanto desgraçado tem atirado para a prisão e tantos outros espreita e entontece para atirar ainda?

Nenhum interesse prejudicial me move contra aquetes que vivem do resultado pecuniario desse mistér—o de conceder licenças—mas devo confessar que se alguma vez o mando me viesse ás mãos—e oxalá que antes me venha uma pneumonia dupla—aboliria simples e taxativamente esse uso e abuso, não consentindo a entrada desses objectos no pais, senão, é claro, no genero unicamente destinado á caça, levando a sanção penal até aos limites de tornar apavorante o caír sôbre a alçada da lei.

Desta arte, estou certo, nunca mais meus olhos teriam de sentir amarguras contemplando um grupo moço, para quem a vida é ainda uma promessa e o futuro um botão roseo por abrir, que na inconsciencia do perigo brincam ás caçadas com armas perigosas, traiçoeiras e más, que num momento de infeliz manejo podem roubar vidas, essas vidas que nenhum de nós pode voltar a fazer agir, depois que uma bala de trajectoria funesta cortou?

Não seria obra util usar de rigorosas medidas para evitar o que exponho?

Janeiro de 1923.

Alvaro Netto.

FLORA

20, Travessa de S. Domingos, 22

Optimo serviço de chá e torradas, LEITE PURO, cacau, chocolate e café. Delicado serviço de pastelaria e doces regionais. Vinhos, champagnes e licores.

CRONICA FINANCEIRA

A PROXIMA sessão legislativa E O NOVO ANO FINANCEIRO

Projectos e propositos do ministro das Finanças

A confirmar-se as boas novas do noticiario quotidiano, s. ex.ª o sr. ministro das Finanças dispõe-se a levar ao parlamento a exacta posição das contas do Estado.

Oxalá que se confirme a boa-nova.

Sempre, nesta secção fomos paladiuos da apresentação das contas publicas. Não conhecemos mesmo outra maneira de quem administra saber donde provêm o desiquilibrio e de quanto precisa para o corrigir, nem de outra maneira de quem paga ficar sabendo porquê e para que paga. Simplesmente se faz mister que as contas estejam certas, e não se parta «à priori» de uma orientação que conduza a infaliveis erros, como seja e como foi na ultima proposta orçamental a deliberação de se eliminar certos debitos, sob o pretexto de não estarem apurados ou de constituirem contabilidade á parte. O facto de qualquer serviço ter a sua escrituração, não explica que não se inclua nas contas gerais do Estado. E' mesmo a unica forma de se fazer um só orçamento ordinario, e não continuarmos a braços com dois orçamentos. Nem isto é doutrina nova, nem novidade alguma. A comissão de finanças do parlamento francês fez ha dois anos essa imposição: acabar com os orçamentos extraordinarios. E' indispensavel seguirmos nessa esteira para se travar as surprezas que aparecem nos orçamentos extraordinarios, e para de uma vez para sempre sabermos ao certo qual é a despeza publica, incluindo os encargos de toda a divida, sem esquecer a dívida de guerra.

Não se fez assim.

E por essas e por outras é que foi afirmado que o ultimo orçamento não estava certo, por um membro do parlamento que, naturalmente por doença ou outros motivos de força maior, se ausentou da Camara emquanto se fazia a discussão final das novas leis tributarias.

Nada mais grave e desastroso que os orçamentos do Estado estarem á mercê dum juizo desses. Torna-se forçoso, indispensavel que quer os nacionais quer o estrangeiro possam fazer fé e prestem toda a fé ás contas do Estado. Nem queremos pensar no desprestigio que nos adviria se se estabelecesse que os nossos orçamentos não eram a expressão da verdade.

E', pois, muito de louvar e estimar o proposito do sr. ministro das Finanças, de levar ao parlamento a verdadeira situação das nossas contas.

Assim é indispensavel e urgente que assim seja.

E s. ex.ª não tem que recear a impressão que o exacto conhecimento da nossa situação possa causar ao pais. Para se caminhar, com segurança, depende de o primeiro passo ser dado na estrada da verdade...

Se com êsse proposito, o sr. ministro das Finanças levar tambem para o parlamento o de avolumar as garantias metalicas da nossa reserva monetaria, aumentando as já existentes, atravez de combinações de aproveitamento do saldo positivo de exportações, é ouro sobre azul, ou antes, é ouro sobre a negra cifra atingida pela nossa inflação.

Podemos acreditar que os factos venham a confirmar estas noticias da imprensa diaria, sobre as tenções, trabalhos e projectos do sr. Vitorino Guimarães. Só em 1922, S. Ex.ª geriu a pasta das Finanças cêrca de seis meses, em duas gerencias, uma que vinha de 1921 (16 de dezembro) e terminou em 6 de fevereiro de 1922 (sucedendo-lhe o sr. Portugal Durão) e outro que começou em 13 de setembro de 1922 e ainda dura.

Tão longa experiencia dos negocios da sua pasta promete realmente que S. Ex.ª se tenha compenetrado da necessidade de tornar clara a nossa situação financeira e bem assim da necessidade de quebrar esse ciclo modernista, creado pelas exigencias da guerra, — em que se perdeu de vista a correlação, que sempre existiu e a que sempre se atendeu, entre a circulação fiduciaria e as reservas-ouro. Temos que acabar com a confusão. A guerra obrigou a sancionar a alteração — embora perigosa e seus inevitaveis prejuizos que estão hoje macroscopicamente patentes— dos processos classicos e das consagradas mormas. Querer persistir nessa alteração, seria querer consagrar o descalabro.

Anuncia-se que o sr. ministro das Finanças projecta pôr-lhe termo.

Ainda bem.

Estamos, então, num momento de esperança, em que tudo parece conjugar-se para nos salvar do *impasse* financeiro e cambial em que caímos: a unidade de vistas que desde fins de 1922 se desenha na alta banca portuguesa, sobre ordenações de materia bancaria; unidade de vistas entre a banca e governo; certo indicio de melhores relações internacionais, em materia de credito nacional,—e propositos de acertos das contas publicas e regresso ás boas normas de circulação fiduciaria no sentido de avolumar as respectivas reservas metalicas, em que parece estar empenhado o sr. ministro das Finanças.

Oxalá que assim seja, porque—como dissemos na nossa cronica sobre o fecho das contas de 1922, — o anno de 1923 não pode adoptar os processos financeiros do exercicio findo.

Aos Ex.mos Clinicos

Recomendam-se as **Cintas Medicinais** executadas no atelier de Virginia Costa, ex-antiga empregada da Casa dos Espartilhos (Santos Matos & C.ª) existindo já uma grande diversidade de modelos, e executando-se ainda os mais dificeis que a medicina exija. Manda a casas particulares, hospitais e casas de saude tirar medidas. Pedidos pelo telefone Norte 4.193.

Para a provincia enviam-se todas as informações que sejam pedidas pelos Ex.mos Clinicos, assim como se executam todos os modelos enviando desenhos ou figurinos.

Virginia Costa

Rua Gomes Freire, 163, 2.º D.—LISBOA

Telefone Norte 4.193

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

47, RUA DO CARMO, 74

AUTOMOBILISTA LIMITADA

O mais importante sortimento de acessorios para automoveis europeus e americanos

Representantes exclusivos dos

CONTA KILOMETROS O. S.

Rua Alves Correia, 160—LISBOA

Telef. 4218 N. End. Tel. AUTOMOBILISTA

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos curam-se com fermento d'uvas *Formosinho*

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Julia Gomes de Miranda, D. Gabriela Rebela de Andrade, D. Ana Maria Luiza da Cunha Menezes e D. Izabel Maria Roque de Pinho de Oliveira Monteiro.

E os srs.:

Conde de Avilez, Sebastião de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), dr. Mario de Aguiar, Artur Carvalho da Silva, Domingos de Almeida Centeno e Jorge Pacheco Burnay.

—Fez ontem anos o nosso colega na imprensa sr. Antonio Rodrigues de Menconça.

Casamentos

Pelo sr. Augusto Joaquim Barreiros foi pedida em casamento, para seu filho sr. Manuel Augusto Barreiros, a senhora D. Maria Regina Celestino S. Moreira Rato, gentil filha do capitão de fragata sr. Augusto Moreira Rato e da senhora D. Maria Laura Celestino S. Moreira Rato.

—Pela senhora D. Maria Joaquina Serodio Lopes, foi pedida em casamento, para seu filho Carlos, a senhora D. Ilda Augusta de Figueiredo, interessante filha da senhora D. Maria da Conceição Figueiredo e do sr. Carlos Augusto de Figueiredo. O casamento deve realizar-se na proxima primavera.

—Foi pedida em casamento pela senhora D. Laura Martins Ribeiro, esposa do sr. Alberto Ribeiro, para seu filho Alvaro, a senhora D. Tereza de Jesus Pinto, gentilissima filha da senhora D. Joaquina do Amaral Pinto e do sr. Manuel Martins Pinto, já falecido. O casamento realizar-se-ha ainda este ano.

—Está justo o casamento da senhora D. Maria Amelia Alves Ferreira, gentil filha da senhora D. Maria Alves Ferreira e do sr. João Assis Ferreira, com o sr. Luiz Banha, filho da senhora D. Carolina Banha e do sr. Banha.

Nascimentos

Na sua casa de Coimbra, teve ha dias o seu bom sucesso a senhora D. Candida Sofia Ribeiro da Rocha Ferranel de Almeida, esposa do ilustre lente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sr. dr. Ferranel Pimentel de Almeida. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

—Teve ontem o seu bom sucesso a senhora D. Alice de Barros Pereira de Carvalho de Brion, esposa do distinto oficial da armada sr. Nuno de Brion. Mãe e filha estão de perfeita saude.

Baptisados

Na paroquial igreja dos Anjos realizou-se ha dias o baptizado de uma filhinha da senhora D. Beatriz Luz Marques e do sr. Luiz Lopes Marques, tendo recebido a gentil criança o nome de Marilia, o da qual foram madrinhas as senhoras D. Adelina Pujol Garcia e D. Teodora Vitoria Marques Vivaldo, tia da recem-baptizada.

A caridade

Na Associação da Agricultura

No dia 13 do corrente realiza-se, nas belas salas da Associação da Agricultura, ao largo das Duas Igrejas, um esplendido «chá» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e cujo produto reverterá a favor de varias obras de beneficencia.

O serviço de «chá» estará a cargo da acreditada «patisserie» Garrett e será abrilhantado por um eximio quinteto.

Esta elegante festa de caridade, a primeira deste inverno, revestirá decerto grande brilhantismo.

Depois de ámanhã nos referiremos mais detalhadamente a esta elegantissima festa de beneficencia.

Pontos de reunião

Agenda

A nosso sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde nos concertos sinfonicos dos teatros S. Luis e Politeama, respectivamente, pelas orquestras sob a regencia dos maestros Pedro Blanch e Fernandes Fão e na «matinée» do Coliseu dos Recreios e á noite em S. Carlos, 2.ª recita de assinatura com a opera «Barbeiro de Sevilha» e depois de ámanhã no Nacional, recita extraordinaria com a peça «Amor de perdição» e no Coliseu dos Recreios, primeira recita da moda da nova companhia de circo.

Doentes

Com um ataque de «gripe» encontra-se retida no leito, a sr.ª D. Julieta Pereira de Sampaio Forjaz, sogra do nosso colega na imprensa sr. Luiz Trigueiros.

—A sr.ª D. Etelvina Falcão, esposa do sr. dr. Zeferino Falcão, encontra-se retida em casa com um forte ataque de «gripe».

—Foi ha dias operado o sr. Antonio de Oliveira, sendo actualmente o estado do enfermo muito satisfatorio.

Em viagem

Vinda de Madrid, encontra-se na sua casa de Lisboa com sua filha D. Fernanda, a ilustre e inspirada poetisa sr.ª D. Mecia Mouzinho de Albuquerque.

—Encontra-se no Porto, vinda da sua casa no Soure, a sr.ª D. Maria José Santa Marta Oriol Pena, esposa do sr. José de Oriol Pena, que regressou á sua casa em Lisboa.

—Regressou da Marmeleira a Lisboa o sr. visconde de Assentiz.

—Da sua casa em Braga, regressou com sua gentil irmã a Lisboa o capitão de engenharia sr. Luiz Acciaioli.

—Encontra-se já ha tempos em Lisboa vinda de Paris, a sr.ª D. Maria José Pereira de Lima, filha do sr. José Maria Pereira de Lima.

TEATRO SÃO LUIZ

CONCERTOS BLANCH

DOMINGO, 7 DE JANEIRO

MATINÉE, ás 3 horas da tarde

6.º CONCERTO DE ASSINATURA da Orchestra Symfonica Portugueza

dirigida pelo maestro PEDRO BLANCH

com o concurso do distincto violoncellista professor Henrique Mendonça

Notaveis primeiras audições

— PROGRAMA —

1.ª Parte — I — **Freyschutz**, ouverture, Weber. — II — **Tristão e Isolda, Preludio e Morte de Isolda**, Wagner. — III — **Polaca em Dó (1.ª audição)**, Chopin, Orchestração de Tomás Breton.

2.ª Parte — IV — **Concerto em Lá menor**, Saint-Saens, para violoncello e orchestra. Allegro non troppo; Allegro con moto; Final — Violoncello, professor Henrique Mendonça.

3.ª Parte — V — **Don Juan**, poema symfonico, R. Strauss — VI — **Rapsodia hungara em Ré**, Liszt.

BILHETES Á VENDA

LITERATURA REGIONAL

"A TERRA RIBATEJANA"

Transcripção de um capitulo

da tese feita para o Congresso Ribatejano

Por CORREIA DA COSTA

A terra que tão formosas almas e tão divinos corpos criou e cria ainda, merece as palavras devidas. A paisagem é o berço que embala e expressa a alma dos seres. A paisagem é a unica infancia, onde os olhos e a alma tem a sua descuidosa quietação.

Agora que surge a «leda madrugada» camoneana na alma combalida da raça, eu grito bem alto a minha fé e creio firme e piamente na eternização sobrenatural da terra!

A terra! A terra!...

Ela é, pela côr mistica da paisagem, pela ardencia do sol, pelo sonambulo e encantado desmaio do luar, a unica, a grande expressão da vida. Para ver e amar, só para isso, bem como para sentir, vale a pena viver na terra raza e chan, onde a tristeza e a auzencia nasceram e na planicie ficaram encantadas, á espera dum resgate, que felizmente para a beleza da paisagem não chegou ainda, nem chegará jámais.

* * *

O *Diario de Noticias* informava a existencia de um museu em Santarem nos seguintes termos:

«A proposito do alvitre para a criação do museu regional em Santarem, ocorrenos dizer que esta cidade já possue um museu distrital desde 16 de fevereiro de 1876, por alvará do então governador civil sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, ilustre ilhavense. Cabe-lhe a honra desta iniciativa, de tanto alcance Esse museu não é só um gabinete de arqueologia, mas tambem uma exposição permanente dos produtos industriais do distrito.

E' notavel o relatorio que precede a criação do mesmo museu, cuja ideia é fecunda e patriotica. A ele se refere Zeferino Brandão nos «Monumentos e Lendas de Santarem» e o dicionario «Portugal antigo e moderno», de Pinho Leal, com rasgados elogios ao nosso conterraneo iniciador desta bela obra que hoje tem continuadores».

* * *

O Ribatejo é uma terra eleita (que o grande publico desconhece e a dois passos da capital, tendo as suas lavouras e os seus prados) pela alta expressão pictorica dos seus aspectos, pelo poder admiravel da sua paisagem raza e extensa, pela alegria verde da pradaria pelo significativo caracter que os seus tipos marcam e realizam no vasto panorama dos seus campos, nos quais vive todo o sentimento eleito da gente que neles labuta, neles tem o seu tumulo e o seu berço.

Portanto, o museu regional é, acima de tudo, um ponto de indiscutivel iniciativa e que deve já ser encarado a sério.

Um museu é sempre a alma da terra ou da raça em extase, galgando o tempo, vencendo o tempo. Organizemos em todas as provincias museus regionais com produtos locais e obras de arte, incluindo antiguidades, tudo que traduza e auxilie o estudo do «folk-lore», da alma regional da terra, dos seus recursos esteticos, artisticos e historicos. E os monumentos que digam distancia e passado, que digam saudade, devemos consagrar-lhes culto e cuidar da sua eternização. Santarem deve ter o seu museu Regional de Belas-Artes, produtos locais, tudo que diga a alma estetica e artistica da região, cheia de scisma e alma dormente, onde a alma portuguesa rural e agricola tem o seu maior esplendor. E o culto da casa portuguesa adoptado ao ambiente ribatejano deverá por parte dos arquitectos da região ser estudado e realizado. A casa portuguesa ribatejana, a sua construção nas quintas e arrabaldes, que admiravel obra de beleza e de ternura a realizar. Porque não pômos orgulhosamente mãos á obra?

* * *

Um congresso ribatejano é, pois, altamente necessario e mais do que tudo urgente. Ha mil e um problemas a estudar. O problema das estradas e vias de comunicação, o problema da criação de um curso rudimentar agricola, a modernização de processos tecnicos na agricultura, o problema da mutualidade agricola, cadastro regional, escolas praticas de agricultura rudimentar anexas ás escolas primarias, regionalismo literario, «folk-lore», pintura, musica e plastica regionalista a que um escultor interprete daria forma, a criação concelhia de sindicatos, federação agricola, um museu regional em Santarem, um mercado certo para industrias regionais, um comercio isento de altas tributações, a melhoria na regulamentação de salario, problemas estes que em conjunto farão de essa parada de boas vontades um enorme credo no ressurgimento da provincia e da raça.

Pois bem, portuguêsmente e sinteticamente, mãos á obra. Não sonhemos só! Façamos realizar o nosso pensamento e agora que em todos os ramos de actividade nacional se sente uma remodelação, agora que os entraves dos velhos baqueiam ante a fé heroica e continua dos novos, agora que o passado encontra no presente a sua remissão, façamos aquilo que portuguêsmente e popularmente diz tudo — mãos á obra! Bento Carqueja no seu recente e admiravel livro de sintese sobre os mais palpitantes problemas nacionais «O Futuro de Portugal», historiando o velho erro agricola, comenta assim:

«Do nosso uberrimo solo devemos tirar a maxima produção de que ele seja susceptivel, melhorando os processos culturais de forma a podermos dispôr, não só dos ceriais indispensaveis para a subsistencia publica, mas tambem dos generos com que possamos manter e fazer prosperar o nosso comercio de exportação.

O abandono da nossa agricultura é o maior dos contrasensos e o mais grave dos testemunhos do pouco interesse em que os governantes e governados se têm consagrado ao engrandecimento economico do país; esse abandono representa a mais cruel falta de compreensão dos preciosos predicados com que a natureza nos favoreceu, para sorvermos do nosso privilegiado solo os melhores recursos da nossa existencia nacional».

* * *

Este congresso regionalista não é só a congregação de mil vontades actuando sobre o mesmo ponto, não é só uma parada de boas vontades aptas a disciplinarem-se para um fim comum, é tambem um alto sintoma de compreensão moral da terra, um fervoroso culto á região cheia de scisma, quietude e tranquilidade bucolica, onde a alma rural da grei portuguesa parece docemente velar ainda. O Portugal maior, o velho Portugal rural, revive, resplandece, reencarnou na terra ribatejana, a terra por excelencia, onde o trabalho é feito a cantar e os braços dos trabalhadores se erguem num esforço contente, onde os olhos traduzem a mesma serenidade azul, a mesma esmeraldina serenidade do céu, o céu que sobre a campina é uma azulada bênção. A alma rural da raça vive na terra ribatejana, a terra da planura onde o silencio tem o encanto scismatico de quem auxilia o proprio trabalho, onde o coração do homem sente o admiravel enleio de viver trabalhando, de viver cantando, de viver exaltando a divina alma da grei. Que todos os ribatejanos que amem a sua terra de origem, que todos os amigos e os filhos da lande que tão alto levanta os admiraveis sintomas de que a raça é eterna no seu desejo de trabalho, que todos os ribatejanos, repito, bendigam a hora em que o Congresso se está realizando. Na apagada tristeza que parece enublar a terra portuguesa, alguma coisa ha que sobrepaira, que se eleva acima das efemeras lutas intestinas. E' o trabalho com que o homem diviniza e engrandece a terra. E' a valorização economica que o factor homem dá á região. O congresso deve ser acima de tudo um élo de todos os desejos concordes para a coexistencia de um fim—engrandecer o Ribatejo, torná-lo o nosso mais amplo campo de acção regional e economica.

CORREIA DA COSTA

HOJE ás 21,30
DIA DE REIS
TEATRO SALÃO FOZ
EMP. EMAUZ Telefone 4354 N.
ÚLTIMAS! ÚLTIMAS!
da engraçada comedia em 3 actos
O ARROZ DOCE
Permanente gargalhada com Nascimento Fernandes e Beatriz de Almeida

EDEN-Teatro
2 espectaculos 2 — ás 8 1/4 e 10 1/4
Com a interessantissima revista de autores portugueses
TIRO AO ALVO
em que muito se distinguem Zulmira Miranda, Elisa Santos e Maria Litaly — Noite de alegria
Preços populares: Promenoir 1$00

APOLO Telef. N. 4129
HOJE — DIA DE REIS
Para festejá-lo, o melhor espectaculo é a revista de Eduardo Schwalbach intitulada
O OVO DE COLOMBO
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES
A seguir a revista
LUA NOVA
Original de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos e Henrique Roldão.

Coliseu dos Recreios
HOJE HOJE
SABADO — ás 21 (9 da noite)
ESTREIA DA
NOVA COMPANHIA DE CIRCO
A'manhã
PRIMEIRA «MATINÉE»
Bilhetes á venda

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.° — RUA AUGUSTA — 70, 2.°
TÉLEF. C. 1196

NACIONAL
Telef. N. 3049 HOJE — ás 21 horas
A lindissima peça
O LEQUE DE LADY MARGARIDA
Ruidosissimo sucesso — O enlevo das senhoras
Segunda feira, 8 — Recita unica
AMOR DE PERDIÇÃO
Dia 12 — 4.ª recita de assinatura
MISTER WU e O HOMEM QUE PASSA

MONUMENTAL CLUB
PALACIO S. LUIZ
Comunicado da Direcção aos Ex.mos Socios
HOJE — 4.° Baile de mascaras e Festa dos Reis

TEATRO SÃO LUIZ
Companhia de opereta ARMANDO DE VASCONCELOS da qual faz parte a actriz Ausenda de Oliveira
HOJE — 1.ª representação da celebre opereta em 3 actos de Strauss, tradução de Arnaldo Stockler e Feliciano Santos
A Ultima Valsa
A actriz cantora ALDINA DE SOUZA no papel de VERA LIBERNOFF

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Dia de Reis

Já pela tarde, o caminho enchera-se de peregrinos. O céu muito suave e brando, com luzes de oiro, desvelava o rosto. Pelos trilhos as flôres anunciavam-se e tombavam cheias de perfume. Iam as sombras descendo pelas encostas; as arvores punham-se quietinhas a rezar e era muito baixo o voar das pombas.

Era ha dois mil anos!

O menino, que tinha andado no sonho das virgens e era filho de pobres, tinha nascido.

E a tarde, toda nacar e poeira de oiro, emudecera calada de sombras.

As virgens cantavam; os peregrinos de barbas longas, brancas de muitos anos, olhavam no céu a seara das estrelas; musicas nasciam nos vales profundos, densos do perfume das flôres.

Maria sorria em Bethlem.

O casebre estava cheio de luz, de rumor de azas, de sonhos. O pequenino Jesus não sorria. Tinha o coração cheio de lagrimas e escondia-as. E' que os seus braços tinham já o gesto da cruz e os seus olhos, onde os anjos espreitavam, viam a claridade amarga e cruel do amanhecer.

Foi ha dois mil anos!

A. P.

Conferencia

A convite da comissão municipal comunista, realiza-se ámanhã, pelas 20 horas, na sede do Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exercito, Campo de Santa Clara, 87, 1.º, uma conferencia publica subordinada ao tema de o «Partido Comunista, a C. G. T.» e a «Revolução Russa», sendo conferente o velho elemento da organização operaria sr. José Carlos Rates.

MANUEL A. CABRAL
ALFAIATE
170, 1.º, Rua do Ouro, 170, 1.º—Telef. C. 3060

CAMBIOS

DIA 6

	Comprador	Vendedor
Londres, cheques	2 7|16	2 3|8
» 90 d. v	2 15|32	—
Paris	1 468	1$506
Berlim	2	3 1|2
Holanda	8 397	8$618
Espanha	3 324	3$411
Bélgica	1 367	1$403
Itália	1 070	1$098
Suiça	4 012	4$11
Suecia	5$691	5$841
Noruega	4$005	4$111
Dinamarca	4$343	4$457
Nova-York	21$173	21 735
Brasil	2$410	2$474
Rio Londres	5 7|8	—
Libra esterlina	102$000	107$000
Ágio do ouro	2$150	2 750

A NOSSA BALANÇA ECONOMICA

O cambio e as suas fluctuações

Os erros do Estado em materia economica e financeira

O sr. dr. Alberto Xavier comunicou-nos, pelo telefone, que nos esperava no seu gabinete da *Direcção Geral da Fazenda Publica*. Deita sobre o *Terreiro do Paço*. Da sua janela, vê-se brilhar, ao sol, a estatua de D. José.

—Sr. dr., antes de o ouvirmos na *Associação dos Logistas*, tinhamos muito prazer em o ouvir para o *Diario de Lisboa*...

—Sobre o tema da minha conferencia?

—Certamente. O assunto é de palpitante interesse. Não é o cambio quem nos governa hoje?

—O cambio! Sim, posso dizer-lhe coisas, posso tocar os pontos, que eu julgo mais importantes, da minha palestra de logo á noite...

E o sr. dr. Alberto Xavier — aberto o seu *dossier* — põe-se á procura de papeis. Procura, lê, fixa uma ou outra passagem de mais notavel interesse, e diz ao jornalista que, desta vez, toma notas:

—Se uma só especie de moeda tivesse curso no mundo, os trocos internacinais efectuar-se-hiam com relativa facilidade. Mas as moedas empregadas pelos diversos paises teem um caracter exclusivo, iminentemente nacional. Eles não possuem, em principio, fóra das fronteiras territoriais, nem poder de compra, nem poder liberatorio. Em Portugal, a moeda em vigor é o escudo. Por ela se efectuam as transacções. Mas se um português deve dinheiro no estrangeiro não póde liquidar o seu debito com escudos porque o credor só é obrigado a aceitar juridicamente as moedas do seu país. De forma que o português, que contracta uma divida em França, ou em Inglaterra, terá que adquirir uma certa quantidade de francos ou de libras contra uma quantidade equivalente de escudos. Esta operação constitue o cambio.

—E' o que vem a ser, propriamente, as taxas dos cambios?

—Para bem compreender a questão relativa ás moedas estrangeiras, é mister que tenhamos sempre presente no espirito a seguinte circunstancia: é que essas moedas são para nós simples mercadorias, desprovidas de funcção monetaria que realizam nos paises onde teem curso, e, como tais, nós as compramos e as vendemos segundo as nossas necessidades, e por um preço variavel, conforme a lei geral economica, classica e imortal, da oferta e da procura.

As *ofertas* — instrumentos de pagamento — surgem dos possuidores de creditos no estrangeiro. As *procuras* emanam dos devedores, que carecem desses instrumentos para satisfazer os seus credores de fóra. De maneira que os cambios são como nos países onde o montante das suas dividas excede a importancia dos seus creditos — favoraveis no caso contrario. As fluctuações cambiais são assim a expressão do movimento dos creditos e dos debitos internacionais exigiveis ou, melhor, da sua balança de pagamentos efectivos...

—E como se explica que, durante três anos da nossa participação na guerra — principios de 1916 a fins de 1918 — os cambio não tivesse sofrido fortes oscilações?

—Com efeito, isso explica-se. O cambio, nesse periodo, oscilou entre 34 7/32, ou sejam escudos 7$01,3 por libra, em março de 1916, data da declaração de guerra da Alemanha a Portugal e 31,3/8, escudos 7$61,9 por libra, em novembro de 1918, epoca do armisticio. As importantes despezas de Portugal, pagaveis em ouro, foram compensadas por duas importantes operações — efectuadas em 1916: os creditos de 2 e 20 milhões de libras, cuja influencia no cambio foi verdadeiramente fecunda — apesar da nossa balança economica, esse ano, acusar importantes *deficits*.

—Mas de 1919 para cá? Como se compreende tão precipitada descida?

—De 1919 a fins de 1922, o cambio variou entre 34,11/16 — escudos 6$91,8 por libra — e 2,11/32 — escudos 102$40. Para esta queda ruinosa contribuiram cousas de ordem geral — externas e internas. O estado do

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Pelos teatros

Teatro de S. Carlos

E' finalmente hoje que em recita extraordinaria abre as suas portas o nosso teatro lirico, desmentindo assim claramente alguns boatos de descrença que nos ultimos tempos circularam, embora não seja de admirar porque uma epoca lirica organizada como esta a de S. Carlos representa um nobilissimo esforço, devido a uma grande vontade de que Lisboa não deixasse de ter este essencial caracteristico de uma capital civilisada. A opera de inauguração, a «Carmen», tão apreciada sempre, é confiada aos primeiros cantores Belina, que tanto delirio causou na ultima epoca; Ellen Sadoven, tambem já consagrada como grande artista que é, baritono Maguenat, um dos cantores mais cotados em Paris e toda a França, e Fernanda Corte Real, jovem cantora portuguesa de real e autentico merecimento. Estas principais figuras cantam a opera em francês, sendo director o maestro Fabbroni, considerado justamente em Italia como um dos mais notaveis. A opera que se seguirá é o «Barbeiro de Sevilha», cujo desempenho se espera com anciedade por estar entregue a elementos de grande valor.

Coliseu dos Recreios

Reabre hoje as suas portas ao publico, com a estreia de uma nova companhia de circo, o popular Coliseu dos Recreios. No programa desta noite figuram as maiores celebridades da companhia, que executarão interessantes trabalhos quasi todos de absoluta novidade entre nós.

Amanhã realiza a companhia a sua primeira «matinée».

Atrás do reposteiro

Partiu hoje no «Sud-Express» para Paris o empresario sr. José Loureiro, que tinha na «gare» do Rocio, á despedida, muitos amigos, homens de teatro, empresarios, artistas, escritores, jornalistas, etc.

—Parece que o actor Joaquim Prata, ultimamente sugeito a uma radiografia, não terá de ser operado do estomago, como se previa, continuando, portanto, a fazer parte da companhia Alves da Cunha.

—Diz-se que, por motivo de um despacho do governador civil de Lisboa, consequencia de uma questão suscitada por dois artistas, estão cerrados e lacrados, judicialmente, dois teatros das ilhas, um no Funchal e outro em S. Miguel.

—Conforme temos noticiado, é depois de ámanhã que, em recita unica, sobe á scena no Nacional a peça «Amor de perdição». Nesta peça reaparece o actor Calazans, no seu antigo papel.

—Está marcada para o dia 12, no Nacional, a primeira representação, em quarta recita de assinatura, das peças «Mister Wu», em três actos, e «O homem que passa», em um acto, de Leitão de Barros.

—Na quarta-feira, 10, realiza-se no Apolo, a recita do actor Alberto Miranda e na noite seguinte a do actor José Silva.

POLITEAMA HOJE
Mamã COLIBRI
com PALMIRA BASTOS

Cupertino de Miranda

Deu-nos ontem o prazer da sua visita o nosso querido amigo, sr. Cupertino de Miranda, um dos mais activos banqueiros do Porto.

ANTIGA CASA JOSÉ ALEXANDRE

Em 1823, quando Lisboa não era ainda, sob o ponto de vista comercial, uma sombra do que hoje é, um homem activo, empreendedor, inaugurou um dia em Lisboa—faz hoje um seculo—um estabelecimento que desde logo se tornou notavel. O homem era João José Alexandre de Oliveira; morreu não nos ocorre em que data. O estabelecimento—era a Casa José Alexandre—a cada ano de existencia foi rejuvenescendo, foi progredindo, e hoje, é o deslumbramento que se admira ali nos n.os 8, 10 e 12, 14, 16 e 18, do Chiado.

Tem uma historia a Casa José Alexandre.

Logo após a sua fundação, começou a ser a preferida do publico e a mais discutida do seu tempo. Os politicos, os literatos, os jornalistas, os artistas, tudo quanto Lisboa teve de marcante no seu meio intelectual, tudo por ali passou, que o estabelecimento era o ponto obrigado da cavaqueira nas arredadas eras em que os homens sabiam ter conversas que fôssem alguma coisa de notavel.

Depois, sempre mantida com nobreza a

CEM ANOS DE VIDA COMERCIAL

tradição, aqui há anos, José Braz de Carvalho, então proprietario, e socio de José Vicente d'Oliveira, tamanho impulso lhe deu, que a transformou por completo.

Seguiram-se, quando da ultima guerra, dois meses de crise—a crise que abrangeu todo o comercio resultada do sangrento conflito europeu. O estabelecimento fechou; mas para reabrir, sessenta dias decorridos, mais progressivo e mais valorizado do que nunca.

José Vicente de Carvalho, filho de José Braz de Carvalho, tomou a peito a gerencia; e de tal modo se houve, que a velha Casa

A HISTÓRIA DUMA VELHA LOJA

José Alexandre chegou ao enorme desenvolvimento que faz hoje dela a unica no seu genero em Lisboa, e a competidora, mesmo, das melhores que se nos apontam nos grandes centros estrangeiros.

Ali ha de tudo. A par do artigo de fantasia—desde o «bibelot» até á estatua sumptuosa de marmore — encontra-se no importantissimo estabelecimento todo o preciso para a conveniente ornamentação dum «ménage», quer se trate do trem de cosinha, quer se trate dos mais ricos salões.

José Vicente de Carvalho, para isso, percorre constantemente os bons centros industriais do estrangeiro; anda sempre numa roda viva, em toda a parte adquirindo quantas novidades surjam lá fóra, a toda a hora procurando valorizar mais e mais, numa porfia, a casa confiada á sua habil gerencia. E assim se explica que a velha Casa José Alexandre, esteja cada vez mais nova, mais moderna e mais rejuvenescida, á medida que os anos passam sobre ela.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A QUESTÃO DE MOÇAMBIQUE

BRITO CAMACHO

OUVIDO PELO "DIARIO DE LISBOA"

SMUTS E CAMACHO EM ANEDOCTA --- PROMENORES INEDITOS

"Moçambique-portuguesa. Nacionalizemos o que é nosso"

Despertaram granae interesse as declarações do Alto Comissario de Moçambique publicadas esta manhã no Diario de Noticias. *Toda a entrevista, reveste importancia; e uma parte dela, pelo inedito, pelo desassombro, até pelo imprevisto—é notavel.*

O que ha a registar, principalmente, no acontecimento jornalistico, é o facto do dr. Brito Camacho falar ao paiz por intermedio da imprensa.

Alguns politicos ae relevo, quere em titulos, quere em presunção, dão á imprensa uma função inferior, qual é apenas a de relatar os seus meritos. Em regra voltam-lhe as costas nos grandes momentos em que o país exclama: «falel». Escolhem — e nem todos escolhem!—o Parlamento, poder de Estado pelo qual temos o maior respeito. Mas o Parlamento faz-se ouvir mal. Nenhum jornal — dividido por todos o interesse jornalistico de um facto—está disposto a dar todo o seu formato a quaisquer declarações. A imprensa — seja que jornal fôr — está indicada para ser o instrumento de contacto entre o politico a Nação. Foi o caso de agora. O notavel espirito que é o dr. Brito Camacho, procedendo como procedeu, honrou a coerencia dos seus processos e esteve á altura do seu passado jornalistico.

Eis o que registamos. O Diario de Lisboa, *por intermedio de um seu redactor, colheu pormenores e declarações do Alto Comissario, e que completam a entrevista do* Noticias. *Com a devida venia aqui as estampamos, na forma jornalistica que nos parece legitima.*

«Moçambique pode viver sem a moeda inglesa»

Por nossa parte queremos focar em dois ou três trechos de dialogo dois aspectos da questão de Moçambique: a nacionalisação da Provincia e a resistencia que tem lá encontrado o Alto Comissario.

—Proibindo a circulação do ouro estrangeiro que proposito teve v. ex.ª?

—Nacionalizar a Provincia. Corria a Provincia grave perigo. Em nossa casa mandamos nós, e o nosso dinheiro deve ter todo o prestigio. Não houve da minha parte qualquer intenção de agravo. E' desnecessario afirmá-lo.

—Foi mal recebida a sua medida de nacionalisação?

—Foi, por uns certos cavalheiros. Houve uma resistencia que, felizmente para a Nação e para a Provincia, se venceu. Agora, tudo se está normalisando. «Moçambique pode viver sem a moeda inglesa». Pois que viva. Já se fazem transações, já se valorisou o escudo, já se restabeleceu a confiança.

—Como foi v. ex.ª recebido ao chegar a Lourenço Marques?

— Bem, por todos.

— Mas depois?

Maus portugueses contra Moçambique — Os «interesses criados»

—Depois, pouco tempo depois, porque eu tomei varias medidas e acabei com varios abusos, e *feri alguns interesses criados*, começou contra mim uma campanha. «Abocanha-me furiosamente, sem inteligencia, sem dignidade, sem patriotismo».

O dr. Brito Camacho refere:

—Posso-lhe contar um promenor, que põe deante dos olhos a maneira como se faz politica lá fora. Eu tinha, por disposição de lei, de ver os negocios de Convenção, embora delegando para esse efeito os meus poderes e faculdades. A certa altura «Palma Cavalão» — e o dr. Brito Camacho não disse a quem se referia — «desatou a insultar-me, e achincalhar-me, indo até o ponto de dizer, mentindo com todos os dentes que tem na latrinaria boca, que S. Altesa Real o Duque de Connaught me tratou com menos cortezia, e que o governo da União recusaria acreditar-me como negociador». Fez mais Palma Cavalão: aproveitou o ensejo, singularmente inoportuno, porque estavam decorrendo as negociações, para fazer contra a administração nos nossos caminhos de ferro a mais violenta e insultuosa campanha. Sabe o resultado?

—Qual?

—No Cabo diziam-me os nossos oposicionistas: «Nós temos a sua administração do porto e caminho de ferro por incompetente, e os senhores — referiam-se aos maus portugueses — afirmam que ela alem de incompetente é deshonesta. Como querem então que nós, da União, lhe confiemos os interesses do Transvaal?»

Smuts contra o Terreiro do Paço?

— No que diz respeito aos memorandos?

—Não posso referir-me a isso. Só lhe posso dizer que de começo me pareceu que o sr. Smuts, que é um homem superior, não estava muito disposto a enviá-lo. A verdade é que se me figura que o sr. Smuts não quere tratar com o Terreiro do Paço, preferindo entender-se com a provincia. Mas...

— Mas...

— Pode ser que não seja assim.

— Tem algumas queixas pessoais da União?

— Eu, pessoalmente, não existo. Como Alto Comissario e como português só registo desvanecidamente, para a Nação, finezas e honrarias. O Duque enviou-me uma carta, daquelas que os ingleses escrevem raras vezes. Quasi familiar. Nos seus pontos de vista, porém, o sr. Smuts é renitente, e excede a razão que lhe assiste.

A carvoeira do porto não justifica as queixas de Smuts

— As acusações contra o mau funcionamento da carvoeira... — dissemos nós.

— Como acontece a todas as maquinas, algumas vezes parava, mas a culpa nem sempre era nossa. A União por vezes, por falta de material circulante, não nos fornecia o carvão a tempo, e estavam os navios no porto á espera. Esta é a verdade. Mas já temos uma nova carvoeira, adquirimos quinze guindastes, e estamos habilitados a satisfazer, sem motivo para queixas, as reclamações do Transvaal. São os portugueses, exaltados ou despertados, que amparam ás vezes as queixas alheias, de que Smuts se fez eco.

Em que se gastou algum dinheiro

— V. ex.ª foi acusado de gastador...

— Sim. Acusaram-me de ter esbanjado 2.500 contos que encontrei nos cofres, e ter criado uma divida de 300.000 libras. E' falso! Nos cofres da provincia encontrei quarenta e duas mil libras, que não chegaram para o rebocador, draga e guindastes que comprei, para a estrada de Marracuene que mandei completar, para a ponte de Geba, sobre o Umbelugi e que reconstrui. Só o material para o caminho de ferro, e a carvoeira que já funciona me levaram 225.000 libras.

E sorrindo:

— Pouco faltou para me atribuirem a culpa do tufão que devastou o Chinde, mas em compensação atribuem-me por uma forma insidiosa, a divida dos Transportes Maritimos á Praça...

A leal cooperação do ministro. — A União batendo o pé

A nossa conversa agora é por retalhos:

—Tem encontrado sempre boa cooperação do Terreiro do Paço?

—Sim, senhor. Toda a cooperação leal. Não tenho senão que me referir com desvanecimento ao actual ministro e a alguns antecessores.

—Nunca esteve em desacôrdo com o sr. Rodrigues Gaspar?

Hesitação, para consigo proprio.

—Uma vez ou outra, como no caso do contracto com a Associação de Minas. Hoje o ministro concorda comigo.

—E' certo que prepara emprestimos?

—Sim. Na America. Os que tentei em Londres, a União não os tem deixado realizar. Bate o pé.

—E a Inglaterra?

O Alto Comissario ilude, quiz-nos parecer, a resposta, e disse:

—Moçambique pode e deve viver por si. Até sem emprestimos, ainda que lhe façam muita falta.

O Alto Comissario contra si e contra a Fazenda

—Quanto vence v. ex.ª, como Alto Comissario?

—50 libras por mês.

—Apenas?

—Ha meses o sr. Rodrigues Gaspar legalmente mandou processar 7 vezes mais este ordenado. Isto é: 350 libras por mês. A Fazenda da Provincia arredondou para 400. Foi lá com ela...

—E v. ex.ª?

—Eu? Não quiz receber.

—O arredondamento, não?

—Nada. Continuo a receber 50 libras. Não quero receber mais, nem receberei.

Feitas rapidamente as contas, verificamos que o Alto Comissario tem ás suas ordens, acumuladas, algumas centenas de contos.

—Não. Nunca os receberei. Não preciso. Sou o homem mais rico do mundo. Não tenho outras ambições que não sejam bem servir o meu país, acabando com abusos, repondo o nosso prestigio, ainda que, pessoalmente, desencadeando odios sobre mim.

—Quanto ganha o Comissario da União?

—24:000 libras, fora a representação.

«Em nada — é exagero!—»

— Voltando ao general Smuts... Atribuilhe o sr. Leote do Rego, e julgamos que outras pessoas declarações...

— Não sei, oficialmente. As suas afirmações escritas e pronunciadas solenemente desmentem afirmações isoladas, que obedecem a circunstancias do momento e da politica local.

E acentuando:

— Houve é certo actos de hostilidade, que já referi. Mas Moçambique não está sob nenhuma ameaça, que não seja a nossa propria. Smuts.

E sorriu, lembrando-se.

— Smuts é habil. Quando foi do encontro no Cabo, o general foi-me dizendo em sua casa certas coisas que julgava uteis á causa da União. Eu — ouvia. A certa altura diz-me Smuts:

— «O dr. não está acreditar em «nada» do que eu estou dizendo...

«Ao que eu respondi:

— «Em «nada», general — é exagero!...

Um pouco de politica de trazer por casa—O «barrete...»

Insistimos três minutos na politica portuguesa.

—Não quero falar nisso.

Mas falámos, jornalista e... jornalista. Foi um belo pedaço, que não temos espaço para reproduzir.

—Volta á politica?

—Eu? Não posso querer saber disso. Tenho uma obra a realizar. Hei-de realiza-la.

—Volta a Moçambique?

Não respondeu.

—Mas volta, sr. doutor?

—Não sei...

—Acha util a visita presidencial a Moçambique?

—Acho-a inutil.

—Porquê?

—Acho-a inutil...

—Que lhe parece a actual politica religiosa? O «barrete»?...

—Não me pregunte nada.

—Em todo o caso...

—Discordo dela. Parece-me uma subserviencia republicana...

— Quando vai ao Parlamento?

— Já segunda feira.

— Fala?

— Talvez; logo que possa. Tenho ainda alguma coisa para dizer.

— V. Ex.ª tem feito literatura?...

— Gostava de poder dedicar-me só a essa tendencia espiritual. Tenho um livro a aparecer...

E nesta divagação gentil a nossos espiritos, houvemos por bem não falar mais de Moçambique. O dr. Brito Camacho, que mantem o seu tipo do tempo da *Luta* e do parlamento, cabeleira atirada para traz, despreocupação na indumentaria, rigorosamente republicana dos tempos do comicio — e que em toda a sua conversação é desassombrado, espirituoso, desacademico — ficou a acariciar a sua velha livraria. Já hoje havia flores na sua mesa de trabalho...

O Alto Comissario de Moçambique

conferencia novamente com o ministro das Colonias

Teve hoje uma nova e demorada conferencia com o sr. ministro das Colonias, o Alto Comissario em Moçambique, sr. dr. Brito Camacho. Segundo consta, nessa conferencia tratou-se da questão das pautas aduaneiras ultimamente postas em vigor naquela provincia.

CALÇADO BARATO só o vende o CANDEIAS

INTENDENTE (defronte do chafariz)

Sapatos em calf para senhora.	17$60	Botas em vitela preta para senhora.	30$00
» preto de 1.ª .	28$00	Botas em vitela nacional para homem	29$00
» vitela, salto razo,	24$00	Botas em vitela branca. . . .	30$00
» verniz, salto sola .	35$00		
Botas em calf preto, 2 solas, 1.ª	55$00		
Botas «double» gáspia, para homem 2 solas corridas .	60$00		

Visitai as nossas novas secções de fanqueiro, retrozeiro, modas, camisaria e rouparia, o que vendemos a preços extraordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

Para CURAR ou ALLIVIAR a

TOSSE

TOME AS ANTIGAS E AFAMADAS

PASTILHAS PEITORAES

DO

DR. ANDREU

DE BARCELONA

Favorecem a expectoração e a tosse desaparece quasi sempre antes de se acabar a primeira caixa

SEO ANTIGO CREDITO DATA DO ANNO 1836

ASTHMATICOS

usae os CIGARROS e PAPEIS AZOTADOS do mesmo AUCTOR

que calmam immediatamente a ASTHMA por mais forte que seja.

DEPOSITO EM TODAS AS PHARMACIAS

Depositarios geraes para Portugal e Colonias:

Gimenez-Salinas & C.ª

9, Rua Nova da Trindade, 1.º—LISBOA

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

Janotas???

Sejam economicos

MADEIRA, ALFAIATE, participa aos seus amigos e fregueses que mudou o seu estabelecimento de alfaiataria da Rua do Sol ao Rato, 215, para o Largo da Trindade, n.os 11, 12 e 13

Colares Luzitano

Superior aos melhores

Deposito: Rua da Magdalena, 215

TELEFONE 227 C

ALFAIATARIA

Rua Arco Bandeira, 173, 3.º D.

S. MARQUES

Ex-contramestre da ALFAIATARIA PARIS

Especialidade em fardamentos do exercito e da marinha.

VARIADO SORTIMENTO DE FAZENDAS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

Maquinas de escrever

Novas e usadas. Concertos garantidos em todos os sistemas de marcas.

Rua Augusta, 76-4.º

J. Viegas Pereira

Fabrica de

Ladrilhos

Mosaicos

Azulejos

Cimentos

GOARMON & C.A

TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19

Telefone n.º 1244

LISBOA

Curso dos Liceus e Comercial

EXPLICAÇÕES DOS LICEUS—AULAS NOCTURNAS E DIURNAS

no

COLEGIO ACADEMICO

Director: PROFESSOR RUY GOMES DA COSTA, diplomado e inscrito em todos os liceus

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 27, rés-do-chão

(Junto á Praça Marechal Saldanha)

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 21

(ANTIGA RUA DE SANTO ANTÃO)

:: Compra e vende aos melhores preços joias antigas e modernas, ouro, platina e pratas artisticas. : :: ::

Grande exposição de joias antigas

BOAS MOBILIAS

Antiga marcenaria do Desterro

Exposição permanente para venda directa ao publico por preços do fabricante e seu proprietario

Manuel Filipe da Silva Junior

Variado sortimento de mobilias em todos os generos, o que se fabrica de mais solido confortavel e chic.

Mobiliario no sistema americano para casas bancarias, escritorios comerciais, etc.

Maples cobertos em pele verdadeira de varias côres

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Uma visita a titulo de curiosidade e confronto

Rua do Desterro, 17 a 29

DESEJA VESTIR BEM?

FAÇA AS SUAS ENCOMENDAS A

ROSA & IRMÃO

PEÇA AMOSTRAS — COVILHÃ

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

DE INGLATERRA

UM CRIME sensacional

que vai ter o seu epilogo em breve com duas execuções

LONDRES, 6

O Procurador da Corôa declarou a sua impossibilidade, depois de aturado exame de todas as circunstancias, de intervir no curso da lei no caso de Frederick Bywaters e de Edith Jessie Thompson, condenados á morte por homicidio do marido de mrs. Thompson. Serão executados no dia 9, Edith Thompson em Holloway Gaol e o amante dela, Frederick Bywaters, em Pontonville. O sensacional crime, que vai ter em breve o seu epilogo fatal, ocupou durante bastante tempo os relatos dos jornais ingleses e estrangeiros.—(R.)

Ecos da Conferencia de Paris

LONDRES, 6

O sr. Bonar Law chegou a Londres, vindo da Conferencia de Paris.

Ainda que o governo francês não deu nenhuma indicação da sua proxima acção contra a Alemanha, julga-se, comtudo, que nada se fará até depois do dia 15, em que se vence a prestação alemã de 25.000.000 de libras. Tanto a Belgica como a Italia apoiam a França na sua politica contra a Alemanha. A imprensa italiana publíca grandes ataques contra a Grã-Bretanha.—(R.)

O principe de Gales

LONDRES, 6

Tendo-se propalado a noticia de que o principe de Gales ia casar com a filha dum par da Camara inglesa, natural da Escossia, e que o casamento seria anunciado dentro de 2 ou 3 meses, foi feito o mais formal desmentido oficialmente.—(R.)

UMA SATIRA ANTI-SOVIETISTA

CARL MARX REDIVIVO

O PONTIFICE DO SOCIALISMO

ressuscitou para vêr a sua obra

Como o Lazaro da Biblia, Carlos Marx, uma certa manhã de 1920 ergueu-se do tumulo. Chegára ao seu conhecimento, lá no outro mundo, que as suas ideias estavam alfim realizadas na Russia, e quiz ver como aquilo era. Pôz-se a caminho de Moscou, disfarçado, e foi parar á capital. Mas ficou desapontado, porque a realidade do seu sonho de toda a vida tornava-se-lhe em pesadelo.

—Será possivel? — ía exclamando surpreso, tomado de amargas decepções.

A cada passo topava com actos de violencia cometidos pelos comissarios. Os dirigentes da Russia, ao contrario do que devia ser, oprimiam cruelmente o povo. Um dia, quando se dispunha a falar á multidão, para lhe dizer o seu espanto, sentiu-se brutalmente agarrado. Protestou; disse que era o Carlos Marx em pessoa; mas nada lhe valeu. Os captóres pespegaram com ele na cadeia.

* * *

Através de mil riscos, conseguiu ao fim de dias, escapulir-se. Escondendo-se como um ladrão foragido, deu em vagabundear pelos bosques, arrependido já de ter ressuscitado. Uma noite, uma quadrilha de bandidos, roubou-o, até as roupas lhe levando. Nú, perseguido e sem norte, deparou-se-lhe uma ocasião favoravel para ser ladrão tambem. Apropriou-se da andaina de um pastor e prosseguiu o seu caminho, disfarçado de guardador de gado, ele que fôra o conductor dos nossos proletarios. Andando, andando sempre, foi parar a uma aldeia onde se estava realizando um comicio publico.

—Talvez nos campos as minhas ideias tenham sido mais bem compreendidas... —monologou.

E entrou num soberbo palacio, pertença, outr'ora, dum grande senhor, no qual estava instalado o «soviet» local.

* * *

Lá dentro, uma desordem indescritivel; das formosas habitações restavam ruinas, apenas; os moveis e os quadros ricos, ou tinham sido escaqueirados, ou tinham sido queimados para aquecer a casa; os tapetes estavam esfrangalhados, sujos e serviam de cobertores para os comissarios. No tecto, decorado com pinturas dos melhores artistas, tinham-se estabelecido verdadeiros «soviets» de aranhas.

O comicio realizava-se, áquela hora, num salão proximo.

Na presidencia, um comissario comunista ia glorificando o comunismo e a Terceira Internacional; ia fulminando raios e coriscos contra o mundo capitalista, especialmente contra a Inglaterra e a França.

A certa altura, ouviu-se um aparte:

—Em vez de estarmos a censurar os outros paises, melhor fôra que olhassemos para o que se passa no nosso. O povo morre de fome; os «soviets» compõem-se de bandidos e de ladrões que roubam o povo e o marterizam. Ainda ha dias, ao mesmo tempo que nos mandavam construir um monumento a Carlos Marx, os comissarios levaram-nos todo o trigo, condenando-nos, assim, a morrer de fome...

Era um velho camponio quem se manifestava. E o restante da assembleia pôz-se a aplaudi-lo em alta grita:

—E' verdade! Tem carradas de razão! A vida está cada vez mais insuportavel! No tempo da Czar eramos muito mais felizes!

* * *

O orador, para restabelecer a ordem, puxou da pistola a gritar: — «Ou se calam, ou faço fogo! Bem se vê que vocês estão inspirados pela canalha socialista. E disparou alguns tiros para o tecto, para amedrontar.

Todos se dispunham a fugir, quando alguem lhes embargou o passo, clamando em meio da balburdia:

—Ou se aquietam, ou morre aqui tudo!

Aquietaram-se ante aquela ameaça tremenda. E no dia seguinte, os jornais de Moscou traziam uma noticia nestes termos:

«No comicio publico realizado ontem em X... foi aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«Nós, os camponeses da aldeia de... reunidos em comicio, saudamos calorosamente os «soviets», nos quais vemos a nossa unica salvação; saudamos a Terceira Internacional e aceitamos com entusiasmo as suas ordens; exigimos o exterminio de todos os socialistas. Abaixo os imperialistas! Morram os franceses e os ingleses! Viva Lenine! Viva o comunimo internacional!»

Emquanto a Carlos Marx, um comunista reconheceu-o e encarcerou-o, de nada lhe valendo os protestos de que não era nem fôra nunca socialista.

* * *

Isto que os senhores leram é a sumula de um poema que está tendo actualmente um exito formidavel na Russia e fóra dela, apesar de todos os rigores da censura bolchevista. Intitula-se «Marx redivivo», e tem tido um sucesso enorme de revenda até em Moscou, onde circula clandestinamente.

DE NEW-YORK

UMA VIUVA millionaria

acusada de assassinar o marido é detida em Texas

NEW YORK, 6

Foi presa em Texas Mrs. Knox, uma jovem viuva, que possue uma fortuna avaliada em 2:000.000 de libras. E' acusada de ter assassinado seu marido que se encontrou morto no leito em 25 de novembro. A sua prisão causou muita impressão porque Mrs. Knox era muito conhecida e o seu marido era um dos mais ricos de Texas. Durante os ultimos anos da vida do seu marido, ela mandou construir o caminho de ferro de Bromson e Hemphill para agradar aos seus vizinhos e mandava tambem vir do estrangeiro companhias de teatro que contratava por sua conta, para representar em sua propria casa. — (R.).

As reparações

NEW YORK, 6

Comunicam de Washington que o fracasso da conferencia de Paris fez de novo agitar na imprensa e na opinião publica a questão da intervenção americana na solução dos problemas das reparações e das dividas de guerra. O gabinete americano tratou já da questão de nomear um representante dos Estados Unidos á comissão das reparações. — (R.).

No Cinema Condes

A estrela de ontem—Norma Talmadge e Bertini—A proxima estrela

Esplendida a estreia de ontem no Cond[...]es para reaparição da celebre vedeta americ[...]na Norma Talmadge. A comedia dramatica [...] *Sim ou não?*, em 5 partes, é cheia de interes[...]se e imprevisto, com um curiosissimo entrecho que dá ensejo a um belo trabalho da di[...]stinta actriz.

Na proxima terça-feira estreiam-se dois novos episodios do *Matias Sandorf* e na sexta-feira reaparece Bertini na extraordinaria obra de arte de Dumas Filho *A Princesa Jorge*. Hoje repetem-se a chistosa comedia de Harold *Patifa de Primavera!* e o 3.º e 4.º episodios do *Matias Sandorf*.

UMA NOTICIA SENSACIONAL

A estreia, hoje, da nova Companhia de Circo no Coliseu dos Recreios e a "matinée" de ámanhã

Como se tem anunciado é hoje que se realiza no Coliseu dos Recreios a estreia da nova Companhia de circo, cujos trabalhos são surpreendentes e de absoluta novidade para Portugal. Revive, portanto o Coliseu hoje as suas noites de triunfo com a exibição da melhor, mais interessante e mais completa companhia de circo que tem vindo ao nosso país.

A'manhã realiza a companhia a sua primeira «matinée» que deve ser grandiosa, tendo igualmente o espectaculo da noite um programa admiravel que, por certo, vai entusiasmar o publico que continuará tendo os espectaculos mais variados, mais artisticos, mais alegres e mais economicos da capital.

SAE HOJE
O PRIMEIRO NÚMERO DO
"FANTOCHES"
PANFLETO SEMANAL
BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGÓCIOS
POR
ROCHA MARTINS

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
ÁMANHÃ, PELA
ORQUESTRA SINFÓNICA DE LISBOA
Regencia de Fernandes Fão
8.º CONCERTO DE ASSINATURA
PROGRAMA SELECTISSIMO
ÁS 15

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.º
Telefone N.º 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

TEATRO DE S. CARLOS
Sociedade do Teatro de S. Carlos, Ltd.ª
— 4.ª Epoca —
HOJE, 6 ás 21 horas
Inauguração da Epoca—1.ª recita extraordinaria
CARMEN
pelos primeiros cantores Helene Sadoven, Stefan Belina e Alfred Maguenat.
Estreia da soprano portuguesa Fernanda Côrte-Real.
A bilheteira abre ás 12 horas

BAIRRO CAMÕES
Dr. A. Narciso
Do Hospital de Santa Marta
Rua Nogueira e Sousa, 17
(Ao Luciano Cordeiro)

A todas as refeições pedir sempre
STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

POLITEAMA
EMPREZA LUIS PEREIRA
C.ª REY COLAÇO — ROBLES MONTEIRO
Mamã Colibri
O maior exito da temporada
Soberba creação de PALMIRA BASTOS
Mobiliarios da «Antiquaria de Portugal», Calçada do Sacramento, 14
ÁS 21,30

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

AS FINANÇAS

OS CAMBIOS

e o que diz

Alberto Xavier

horas antes da conferencia

que esta noite vai realisar

(*Continuação da 4.ª pagina*)

nosso comercio externo, em 1919, foi de: importações — Esc. 229:477.300$00; exportações e reexportações — Esc. 132:098.900$. As estatisticas de 1920 não estão integralmente publicadas, mas posso assegurar com certeza que o produto das importações nesse ano foi de Esc. 691:002.294$00 e das exportações e reexportações de 296:433.632$ Quanto a 1921 e 1922 o apuramento está por fazer, e não será conhecido tão depressa. Mas as minhas informações, que as reputo merecedoras de fé, me indicam que o *deficit* da nossa balança comercial é ainda consideravel.

—Mas tem-se dito que as nossas exportações teem excedido as importações?

—Nada mais inexacto. O que ha é um equivoco lamentavel. Os valores das exportações não exprimem os seus valores reais, porque os exportadores não confessam, inteiramente a importancia das suas operações.

—E o que tem influido mais directamente na descida do cambio?

—Toda a nossa legislação moderna, sobre os direitos aduaneiros em ouro. As medidas restrictivas e fiscalisadoras que deram nascimento aos conselhos fiscalisadores e ao consorcio bancario. A fixação dos cambios artificiais. A tentativa frustrada dos 50 milhões de *dollars*, o crédito dos 3 milhões de libras e tantos mais. Esses factores gerou-os o Estado pela sua errada politica de efeitos contraproducentes e que em vez de impossibilitar a especulação, elemento daninho e indomavel, o estimolou, dando-lhe condições interminentes de renovamento.

— Na opinião de v. ex.ª, Portugal eliminará depressa a sua divida?

—Portugal possue conjuntamente com as suas colonias todos os elementos de vitalidade para conseguir o seu rapido e fecundo ressurgimento economico e financeiro. O que é preciso é que se governe pela pratica de metodos inspirados na boa politica experimental. Se os homens que, actualmente, teem o poder, são capazes de sinceramente reparar erros passados, que eles fiquem no seu logar, cumprindo essa reparação. Caso contrario...

—Que se vão embora...

—Dando logar a outros mais aptos e mais dispostos a essa obra urgente e meritoria.

MANOEL MARTINS

A bordo do paquete «Moçambique» segue amanhã, acompanhado de sua esposa, para Vila Fontes, Zambezia, o sr. Manuel Martins, funcionario superior da Companhia de Moçambique.

A casa José Alexandre

A antiga casa José Alexandre, Ltd.ª, que amanhã completa um seculo de existencia, distribue, por esse motivo, um bodo comemorativo a cem pobres. Para esse bodo, teve a referida e acreditada casa a amabilidade de nos enviar 20 senhas para outros tantos pobres nossos protegidos, em nome dos quais agradecemos.

Cruzador «Carvalho Araujo»

Chegou hoje a Ponta Delgada o cruzador *Carvalho Araujo*.

"Foot-ball" internacional

Os alemães são vencidos pelos aliados por 3 a 0

MILÃO, 6

Pela primeira vez depois da guerra realizou-se um «match» de «foot-ball», entre alemães e aliados, que se efectuou nesta cidade perante uma assistencia de 60.000 pessoas, sendo vencidos os alemães por 3 a 0.—(R.)

O 19 DE OUTUBRO

Graves afirmações

do tenente-coronel Raul Esteves

"O movimento outubrista só se fez para libertar o assassino de Sidonio Pais e para admitir nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste mela duzia de ferroviarios"

A audiencia abriu ás 12,35.

Começa a depor o general sr. Alves Pedrosa que é interrogado pelo sr. dr. Jaime Gouveia sobre o capitão Camilo de Oliveira.

— Conheci-o em infantaria 2, quando ele era ainda alferes.

Em seguida descreve a forma como ele se portou em França no dia 9 de Abril, quando do bombardeamento, nunca abandonando o seu comandante. No seu entender, o capitão sr. Camilo de Oliveira é incapaz duma cobardia e de faltar aos seus deveres.

* * *

A testemunha tenente-coronel sr. Raul Esteves.

O promotor:

—Conhece os acontecimentos de 19 de Outubro?

—Duma forma geral. Dois meses antes da revolução fui chamado pelo sr. dr. Antonio Granjo, que me deu conhecimento dum movimento que estava prestes a rebentar, trazendo como consequencia atentados contra varias pessoas, entre as quais eu e ele. Manifestou-me o seu desgosto perante uma campanha feita por certa imprensa. Preguntei-lhe se conhecia os individuos que faziam parte desse movimento e o motivo porque os não prendia. Disse-me que eram sindicalistas e alguns democraticos. O chefe do gabinete do ministro da Guerra disse-me em meados de Agosto, que estava prestes a rebentar uma revolução, e que se ela fosse de republicanos a deixava fazer. Não concordei com essa teoria.

Depois relata uma reunião que teve no quartel general com varios oficiais, para, em face de qualquer movimento, se adoptarem providencias, de forma a evitar assaltos a estabelecimentos.

No dia 18 fui procurado em minha casa pelo capitão sr. Loureiro que me pôs ao corrente dos boatos que corriam sobre assassinatos.

A revolução de 19 de Outubro venceu pela traição. A' noite tive conhecimento de que alguem pretendia assaltar o quartel para me assassinar. Mandei um oficial procurar o sr. ministro a fim de lhe perguntar se já estava o governo constituido e as medidas que se tomavam.

—O sr. dr. Antonio Granjo chamou-o dois dias antes do movimento? Que lhe disse?

—Estas palavras: «Eu e você estamos condenados a ser mortos».

—!!

—Ha mais: Ainda ha mês e meio o governador civil me procurou para me dizer que em volta de minha casa andava um grupo de gente de Campo de Ourique que me queria matar. O que me admira é que, em vez de me prevenirem, não prendam essas pessoas...

—O 19 de Outubro, teve como consequencia?

—Duas campanhas que se levantaram no Parlamento para libertar o assassino de Sidonio Pais, e a admissão nos caminhos de ferro, de meia duzia de ferroviarios, além da concessão de espadas aos segundos sargentos.

— Como se salvou do atentado?

— Essa pregunta faço-a eu...

— Atribue esses atentados a uma certa imprensa?

— Sim senhor.

— Conhecia o capitão Loureiro?

— Servi com ele, quando da greve dos caminhos de ferro do Sul e Sueste, e foi até, por minha indicação, nomeado administrador do concelho do Barreiro.

O sr. dr. Amancio de Alpoim:

—Julga o capitão Loureiro cumplice nos assassinatos?

— A pregunta é de dificil resposta. Não o julgo capaz de ser cumplice de um homicidio.

— Quero sublinhar a sua frase: «O 19 de Outubro foi uma traição...».

— Eu explico: todos os oficiais que se afastam das instruções dos seus superiores cometem uma traição...

— Desde os pronunciamentos de Saldanha até ao 5 de Outubro, tudo é traição?

— Perdão... Nos outros houve luta e traição, neste houve apenas traição...

— Se v. ex.ª tivesse recebido ordem para oferecer combate aos revolucionarios, tinha-o feito?

—Sim, senhor. Já disse os motivos porque não houve luta.

—Então não houve traição. Eu sou um leigo em materia de revoluções porque nunca conspirei...

—Eu sou seu colega... (risos).

—Hoje nenhum governo pode obstar a que se prepare uma revolução republicana...

—O facto de dizer que o governo não poderá dominar uma revolução republicana, parece dito por uma pessoa conhecedora de revoluções...

—Mas esse conhecimento não é de politico. As revoluções não se vencem, deixam-se vencer. Tive ha dois meses, preso meu irmão no hospital da Estrela, acusado de conspirar. Todos os dias lá iam visita-lo, para o aliciarem para revoluções. Eu fui ao ministerio da Guerra e pedi para se tomarem providencias sobre o caso não lhe permitindo visitas. Nenhumas foram tomadas...

—As ordens n.os 1 e 2, tem um aspecto policia

—Tinham por fim defender os correios e telegrafos, casas bancarias e assaltos ao comercio, ministerios e á casa do sr. Presidente da Republica. Essas ordens foram discutidas, apreciadas e postas em execução por um grupo de oficiais no quartel do Carmo, em plena tranquilidade. Esqueceram-se das medidas policiais nas ruas da cidade, apesar dos boatos que já corriam?

—Para que serve a policia?

A audiencia foi suspensa ás 15,50 reabrindo uma hora depois.

* * *

Manuel Guisa, sargento da armada, conta a conversa que teve com o sr. Agatão Lança no Rossio que confirma em parte o depoimento deste oficial.

* * *

José da Apresentação, marinheiro.

— A testemunha estava no Arsenal?

— Estava e vi o capitão sr. Pires Falcão a conversar com o dr. Granjo. Depois ouviram-se tiros e fui ver o que se passava. Soube no caminho que haviam ferido o sr. Cunha Leal, o que comuniquei ao sr. Pires Falcão, que lastimou o sucedido e me incumbiu de ficar junto da porta do quarto onde estava o dr. Granjo, para não deixar entrar ninguem.

—Ficou sósinho com o sr. dr. Granjo?

—Fiquei. O sr. dr. Granjo chamou-me por duas vezes e preguntou-me o que havia. Disse-lhe que tinha sido uma questão com um marinheiro, mas se ele quizesse fugir que o podia fazer, tanto mais que tinha ali um fato de oficial da armada que lhe devia servir. Respondeu-me que confiava na marinha e que estava tão tranquilo como se estivesse em sua casa.

* * *

Alferes Rogerio Abranches da Silva declara que é co-reu nesta causa.

—O dr. Amancio de Alpoim:

—Não sei porque não deixaram depôr o Benjamim Pereira, que tambem é co-reu nesta causa!

A audiencia prossegue, devendo a proxima realizar-se no dia 11.

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

1067	90.000$	5034	10.000
9945. . . .	30.000$	6356	5.000

HAVERÁ CRISE?

O GOVERNO

encontra-se

super-queimado

diz ao «Diario de Lisboa»

o almirante Leote do Rego

Os 10 independentes, não mais, que misteriosamente entraram para uma sala da Camara dos Deputados, onde foram reunir, saíram duas horas depois, enovelados nos seus sobretudos, nas suas convicções e no seu mutismo.

O sr. Leote do Rego a quem endereçámos um cumprimento sofreou a nossa curiosidade, contrapondo:

— Da reunião nada lhe posso dizer. Se lhe serve a minha opinião..

— Serve, agrada-nos, e agradecemos. Pelo menos ficamos sabendo o que disse um independente.

— Então ouça: quando regressei do estrangeiro o ambiente que o sr. Antonio Maria da Silva tinha creado, levou as oposições a apoiarem-no....

— E assim se aprovaram os orçamentos...

— Dei-lhe a minha simpatia.. Quando alguem atacava o governo e o sr. Antonio Maria da Silva punha a questão de confiança, imediatamente os independentes o acatavam...

— Veiu o segundo ministerio...

— E eu continuei a julgar o sr. Antonio Maria da Silva apto a governar

— E agora?

— Considero-o super-queimado. O ministerio está gasto, o chefe do governo está doente e precisa descansar.

— O ministerio pouco tem feito...

— Nós não queremos um governo para transferir alferes ou nomear tenentes. As questões importantes de ordem internacional, economica e financeira, precisam de ser resolvidas...

— E a ordem publica?

— Tambem. As forças politicas da direita estão-se arrumando... O congresso do partido democratico está á porta. Qualquer coisa de muito importante se vai passar... Se o partido sái desse congresso esfrangalhado é um mal para a Republica...

— Scizão? Moderados e radicais...

— O sr. Antonio Maria da Silva precisa de resolver essa questão. Atender indicações apagar divergencias...

— E de tudo isso conclue o sr. almirante...

— Que o sr. Antonio Maria da Silva precisa retirar-se do poder... A sua saude, exige-o. O seu partido, exige-o.

— E o novo ministério?

— Um ministerio extra-partidario.

— Fóra do Parlamento...

— Com alguns elementos colhidos ali... Tinhamos, pois, um compasso de espera... As forças politicas da direita arrumavam-se e o partido democratico resolvia o seu caso interno...

— Presidente do novo governo?... Quem?

— É dificil responder...

— O sr. dr. Antonio Luis Gomes? O sr. coronel Freiria?

* * *

A situação politica resume-se em poucas linhas:

Estando o ministro da Instrução demissionario e querendo tambem abandonar a pasta do Comercio, desgotoso com a questão da venda do vapor «Lima», o sr. Fernando Brederode, independente, o sr. Antonio Maria da Silva resolveu ouvir sucessivamente, antes de reunir o conselho de ministros independentes, o directorio do P. R. P. e os ministros democraticos. Os srs. Freiria e Catanho de Menezes responderam-lhe que só poderiam tomar atitude, depois duma reunião dos parlamentares independentes que se realizou hoje, das 11 á 1 e meia, no edificio do Congresso, assistindo a ela, além daqueles ministros, os srs. Leote do Rego, Antonio Maia e Agatão Lança.

Nessa reunião, cujos resultados não foram comunicados á imprensa, resolveu-se tomar uma atitude de espectativa, que poderá ser modificada em novas reuniões.

* * *

A' hora de fecharmos esta pagina o sr. Antonio Maria da Silva está conferenciando, no ministerio do Interior com o grupo parlamentar democratico.